

ENTREVISTA

Uma educadora de infância e sua paixão por jogos como recursos didáticos.

Una educadora de infancia y su pasión por juegos como recursos educativos.

A children's educator and her passion for games used as didactical resources.

Conversa com a professora brasileira Vera Maria Lacombe Miraglia, nascida no Rio de Janeiro (Brasil) ainda na primeira metade do século XX, que aprendeu e tem compartilhado, ao longo de sua vida, modos de ensinar com jogos e outros materiais didáticos em uma escola de Curitiba, capital de estado ao sul do Brasil.



Fonte: Acervo do NPPD/UFPR

Fotografia 1. Professora Vera Miraglia, fotografada em sua escola

Começando a conversa

Por ocasião da entrevista em dezembro de 2014, aos 82 anos, a professora Vera relembrou que em toda sua trajetória escolar a única escola que frequentou foi o Colégio Jacobina, criado por sua avó.

VERA: Minha avó teve 8 filhos. O meu avô, era uma pessoa legal, como dizia minha mãe, só porque falava francês, porque ele era da família Lacombe, mas, ele ganhava pouco dinheiro. E minha avó pensou que para educar os filhos o melhor era fazer uma escola, porque aí não teria que pagar o colégio. No que ela pensou isso ela começou a fazer a escola e trabalhou toda a vida nessa escola, o Colégio Jacobina, ela era Jacobina. E para continuar, ela mandou a filha para a Suíça. Ela bancou isso, ela estudou cinco anos, voltou e foi a diretora da escola, o colégio Jacobina, que já não tem mais.

Esclareceu que sua tia Laura Lacombe, irmã do seu pai, estudou com Piaget, o que possibilitou que convivesse com as origens do construtivismo. Essa experiência aponta para a precoce influência da perspectiva teórico-metodológica que reconhece o aluno como sujeito na construção dos conhecimentos escolares, recebida por Vera Miraglia.

Essa compreensão foi manifestada ao longo de toda a entrevista, seja pelas suas palavras, seja pelas explicações detalhadas dos jogos e procedimentos de ensino que ela construiu, organizou e compartilhou com os muitos professores que com ela conviveram e trabalharam e que influenciaram as propostas de várias escolas de Educação Infantil existentes atualmente em Curitiba.

Uma escola para crianças pequenas: espaço de desafios para a educadora de infância

Vera Miraglia relembra, entre palavras e muitos risos, alguns momentos e dificuldades da criação da escola de Educação Infantil, na década de 1960, na cidade de Curitiba, Estado do Paraná (Brasil), como revelado no diálogo a seguir:

MARIA TEREZA: Então, Vera, você veio para Curitiba e organizou a escola aqui a partir da Educação Infantil, é isso?

VERA: *Isso mesmo.*

MT: E em que ano foi?

VERA: *Há 52 anos.*

MT: E nessa época você começou com uma série? Ou já começou com todas?

VERA: Uma situação difícil porque o padre que fez o jardim da infância ele fez para ter lucro para pagar as aulas de catequese da paróquia dele. Ele era franciscano e na verdade não deu lucro. Ele tinha uma diretora que também veio do Rio de Janeiro e era minha colega, mas, ela brigou com o padre e saiu, mas, ela era boa diretora e então levou todos os alunos e fez outra escola.

MT: Isso naquele período em que você chegou?

VERA: *Eu cheguei e não sabia nada disso porque eu tinha ido para o Rio de Janeiro para ter o segundo filho e o padre apareceu lá no hospital e disse que tinha esse trabalho para mim, porque a minha tia do colégio Jacobina que era da família me indicou porque sabendo que eu morava em Curitiba, quem sabe eu queria pegar esse emprego. Eu falei com meu marido e tudo e com dois filhos você já pode começar a trabalhar novamente porque já conhece criança e sabe que não vai morrer nem gritar, vai acontecer tudo certinho. E aí eu vim, mas, não sabia dessa situação. O padre disse que o colégio estava montado e estava tudo em ordem. Tinha quatro alunos.*

MT: Então você começou com quatro alunos? E que idade eles tinham?

VERA: *Eram de Jardim, aqui no bairro Água Verde. Mas, foi bom porque esses quatro alunos viram que o colégio ia continuar. E aí, o que a gente podia fazer para facilitar aumentar o número, foi falar com pediatra, Dr. Plínio [de Mattos Pessoa]. Eu disse: Dr. Plínio, eu tenho essa situação, você pode fazer uma palestra para os pais mostrando que a orientação é nova que a gente vai trabalhar bastante e que temos coisas novas? E Dr. Plínio disse: Eu posso fazer a palestra, não tem problema. E eu disse: Mas, o senhor não sabe, é que são 4 alunos, então são 8 pais para essa palestra. E ele disse: Você acha que vão todos? (Sorri muito) E eu respondi: Não, não posso garantir. E ele disse: Se tiver um pai a gente conversa. Uma coisa linda! A gente foi lutando para conseguir mais alunos e aos poucos, mais um mês a gente já tinha 15 alunos e assim por diante. Eu fazia propaganda com a bandinha da escola pela rua! (muitos risos) Porque o padre queria que eu fizesse desfile de modas (mais risos), mas, eu disse, não é meu setor. Mas, da bandinha foi ótimo! Porque viram que tinha música, que ia ser bom e aí pronto deu certo!*

MT: E você foi indicada por sua tia porque você já tinha uma preparação para a educação infantil?

VERA: *Sim, eu fiz um curso criado por minha tia. Ela tinha a esperança de fazer um curso de nível universitário no Colégio Jacobina para formar professores que só tivessem feito o científico ou o clássico (era desse tempo), mas, no final do curso, depois de três anos, ele não foi aceito.*

MT: Sua tia não conseguiu que autorizassem o curso?

VERA: *Não, porque o curso era completamente diferente dos comuns. Era por trimestre e cada trimestre era uma matéria. Então, ela contratava pessoas, professores bons e depois de três meses trocava para outro, então, as matérias eram completamente diferentes. O primeiro foi Malba Tahan [pseudônimo de um grande professor de matemática e escritor], que contava histórias, sobre a história que a gente fez o curso, historinhas. Depois Maria Clara Machado [grande dramaturga e escritora de inúmeras peças teatrais infantis] foi a professora de teatro. Mas, aí fazia três meses e assim por diante a gente teve ótimos professores.*

MT: E tinha um nome esse curso?

VERA: *Sim, Educadores de Infância. Foi uma coisa muito interessante!*

A falta do certificado de conclusão do curso – que não foi reconhecido pelo Ministério da Educação não comprometeu a continuidade dos caminhos de Vera Miraglia em direção a um propósito que marcou a história de sua família: criar escolas, e nelas dar vida a objetivos educacionais que vivenciados desde a mais tenra idade, fortaleceram-se e foram mantidos mesmo com a expansão da oferta para além da educação das crianças pequenas. E é no interior da escola de sua propriedade, criada a partir da Educação Infantil que Vera explica:

VERA: Foram muitos anos só com a Educação Infantil porque eu não tinha intenção de lidar com primário nem nada. Mas, aí a minha irmã veio do Rio também para trabalhar com o marido aqui e ela disse que não era muito chegada aos pequenos, ela era formada em matemática, e disse: que tal se eu fizesse o primário?

MT: Então começou com ela?

VERA: É ela fez o primário e eu continuei com a Educação infantil e a gente juntou. E depois ela foi embora e eu continuei com tudo.

Essa incansável educadora de infância, ao longo de 52 anos de frequência diária na escola que criou, convive com cada um dos alunos matriculados da Educação Infantil ao nono ano e com os professores e professoras que ali ensinaram e ensinam, criando e incentivando a realização de jogos como forma de mobilizar o interesse por aprender conhecimentos que cabe a escola ensinar. E foi no local que ela escolheu para localizar o seu espaço na escola, repleto das mais variadas alternativas de jogos e de plantas, que Vera Miraglia recebeu a entrevistadora para a conversa sobre recursos didáticos.

MT: E no seu curso de Educadores de Infância, lá no Colégio Jacobina, já tinha alguma coisa relacionada com jogos?

VERA: Sim, a gente tinha uma unidade de três meses de Metodologia. A gente tinha uma metodologia própria para lidar com as crianças, e que depois eu estendi para todas as idades. Uma coisa impressionante! Porque a gente preparava a aula com um material e o material era entregue para as crianças, mas, não para dirigir essa experiência! Dando o material, você como professora, observava o que ele ia fazer com esse material. No que a professora observava, ela tinha o nível do grupo e também o interesse do aluno sobre aquilo. Então, depois da exploração do material é que ele começava o jogo. O jogo depois, porque tinha sempre uma parte oral, que era em geral umas historinhas, historinha que muitas vezes a gente inventava.

MT: E tem algum exemplo que você lembre?

VERA: Por exemplo, eu até hoje tenho uma historinha que eu conto, tomando como base o livro de Carlos Jorge, A linha assanhada. A linha assanhada, eu hoje faço com o quinto ano nas aulas de geometria, levo um rolo de barbante e conto na aula de geometria que essa linha não é classificada, mas, que a linha assanhada serve para fazer muitas coisas.

MT: E isso você aprendeu lá no curso?

VERA: Não, essa história eu trabalho depois. Mas, lá eu aprendi que sempre tem que ter uma história relacionada ao conteúdo que se quer ensinar.

Sorte, azar, Einstein e a incerteza: a paixão pelos jogos para ensinar

A conversa agradável e o contato com os materiais que Vera foi mostrando e explicando, deixaram claro que ela desenvolveu uma grande habilidade de envolver os alunos por meio de jogos, mesmo os muito pequenos, em experiências para além dos conteúdos escolares.

VERA: Na verdade, o fraco meu da vida é contar com a sorte. Então o jogo acima de ter essa relação do trabalho em torno de uma coisa eu gosto bastante da sorte. E tento mostrar isso para as crianças. Ganhar e perder é o máximo da vida.

MT: E é isso que você explora com o jogo também? Por isso que seus jogos têm sempre essa característica?

VERA: Além da competição bem orientada, contar com a sorte e azar.

MT: Isso é uma coisa que tem muita relação com o modo como a Matemática foi se desenvolvendo ao longo da história.

VERA: É verdade!

MT: Porque antes a gente tinha a matemática como certeza e agora tem a matemática como incerteza.

VERA: Você viu que linda a frase de Einstein que diz que quando ele tem uma certeza plenária, já saiu da matemática? Isso é uma coisa linda! Linda! Essa incerteza faz parte da vida!

MT: E como é que você lidava com isso com as crianças? Quando trabalhei aqui na escola, eu percebi que você sempre tem a matemática para além daquilo que a escola deve fazer com a Matemática e na verdade parece que isso se expressa mais pela via do jogo, é isso?

VERA: Sim, a Matemática como uma formação!

MT: E como é que essa relação com a incerteza aparece, aparece nos jogos, como a questão da sorte e azar aparece já desde os pequeninhos?

Instigada a tecer considerações sobre como propiciar situações em que acaso e incerteza prenunciem a futura compreensão de noções matemáticas na sociedade contemporânea, ressaltou o lugar dos jogos, principalmente os que utilizam dados ou a rotação de equipamentos sem determinação prévia do local de parada, como fonte de hipóteses valiosas, ao se explorarem as múltiplas possibilidades e se caminhar em direção às noções de probabilidade.

VERA: Por exemplo, dos pequeninhos aos grandes eu tenho jogos de percurso que eu associo com dados. Por exemplo, eu dava um material de artes para os pequenos levarem em sacolinhas com 10 cartelas com gravuras de pintores para eles saberem os nomes dos pintores e associarem as pinturas com seus autores. Depois eu perguntava, vamos fazer uma competição, vocês querem jogar com o dado ou não. Tem uns que dizem, não, eu quero só dar a resposta. Só com a resposta ele passa de um para um nas casinhas. Este não

queria arriscar-se, com a resposta certa ele passava apenas uma casinha, mas, se jogasse o dado, poderia dar 1 ou até 6 e passar mais casas.

MT: Então são jogos de tabuleiro?

VERA: Isso é um tipo. Outro, por exemplo, é essa roda gigante, onde eu coloco um bloco do material de blocos lógicos em cada abertura da roda e eu entrego um cartão com as características de cada um dos blocos lógicos para cada uma das crianças e explico: você pode ter sorte ao receber o cartão, pode ser um mais fácil e também de cair o seu cartão, a hora que a roda parar e você saber dizer as características do bloco.



Fonte: Acervo do NPPD/UFPR

Imagem 1. A roda gigante, um dos recursos que explora a imprevisibilidade e que agrada aos alunos



Fonte: Acervo do NPPD/UFPR

Imagem 2. Da incerteza na escolha dos lugares da roda gigante ao acerto das características dos blocos lógicos, o reconhecimento do que difere e se assemelha nas formas geométricas

MT: Então você explorava também as possibilidades?

VERA: Sim, eu explicava que ele podia ter sorte nessa quantidade de possibilidades, mas, eu não falava em possibilidades. Mas, sempre ele tinha que prestar atenção, fazer observação e ter o conhecimento da figura, todas essas capacidades estavam dentro dessa atividade. Esse outro daqui que também eles gostam bastante, esse daqui que tem essa seta.

MT: É como se fosse uma roleta?

VERA: Uma roleta, eu ponho aqui as figuras e aqui os alunos e distribuo para eles cartões com figuras. Os alunos acompanham se na roleta a seta aponta para a figura que escolheram, e a cada vez que a seta pára e aponta para essa figura, aquele que tem a figura diz as características dela. E a cada rodada, se houve acerto, o acertador ganha um ponto, ou pode ser um selinho, por exemplo, e todos os jogadores mudam de lugar. Isso é uma coisa simplíssima!

MT: Simplíssima, mas que tem tudo o que você está querendo, não é? Fazer com que a pessoa veja o azar, a sorte e tudo aquilo que você está querendo.

VERA: Meu Deus, a posição, a figura, o ponto de vista. Tudo, tudo!

MT: E o interesse deles que se mantém, não é?

VERA: Exatamente!

MT: Então, essas formas de trabalho com jogos têm muita relação com o interesse?

VERA: Muita, muita!

A partir de histórias contadas e da participação das crianças em jogos, a educadora defende que é possível propiciar ambiente favorável à manutenção do interesse do aluno para as mais diversas aprendizagens em situação escolar. Jogos como esses explorando a imprevisibilidade do resultado são realizados por crianças de diferentes idades que frequentam a educação infantil e também por crianças de mais idade, do ensino fundamental. A presença dos jogos produz um ambiente singular na escola, onde Vera concedeu a entrevista entre uma aula e outra, em que ela recebeu os alunos para jogar naquela manhã do mês de dezembro de 2014, no espaço que organizou para suas aulas.

A educadora de infância Vera Miraglia revela também sua predileção pelo ensino da geometria, assunto que ainda ensina em aulas recheadas de atividades que envolvem, para além dos jogos, histórias e incentivo a criações artísticas, como detalhou:

VERA: Por exemplo, eu queria dar triângulos e contei a história de um elefante. O elefante tinha uma capa que era toda decorada com triângulos. Aí eu apresentei o elefante com a manta. Até um garoto disse: eu já sei o que a gente vai fazer: triângulos. E eu disse: Então, vamos tirar a capa. E, eu dei papel ou tecido para eles fazerem a decoração. Mas, eu não queria só que eles soubessem que a figura é um triângulo, a observação era um dos objetivos maiores desse trabalho. Isso que a gente às vezes pega um conteúdo e impõe esse conhecimento e aí corta o barato da criança, isso eu acho triste! Nesse outro jeito, ele até descobria muitas vezes qual era o objetivo, mas, aí, já era a

descoberta dele. Sempre as histórias eram relacionadas à idade e ao conteúdo que a gente estava trabalhando. Na verdade, na história do elefante, a gente explorou a manta, mas, também que ele tinha quatro patas, tinha rabo comprido e muitas outras coisas do elefante.

Um caminho didático sistematizado no uso de materiais e jogos

O pensar e repensar atento para o modo como lhe foi dada a oportunidade de aprender como estudante da escola básica e como aluna do curso de educadora de infância e, especialmente, os mais de 50 anos de interação com os alunos e professores dentro e fora da sala de aula, levaram Vera Miraglia a defender sete passos que são por ela considerados necessários na organização do trabalho com as crianças, mas, também com os alunos maiores. Ela relata o modo como sistematizou essas ideias:

VERA: São sete passos. Exploração do material, é um. Depois vem a situação problema: o que a gente vai fazer com esse material. Como vamos resolver essa situação problema? O problema é o uso daquilo que eles receberam. Às vezes, eles dão palpite e eu também, mas eles têm que dar solução do que podem fazer. O terceiro são as relações: relações com a vida. Por exemplo: Para que serve o quadrado? Usa na Geografia? Usa na história? A história do quadrado. Quando eu digo para vocês quem não é quadrado se vira, porque será? O que isto quer dizer? E o quarto é o vocabulário: o vocabulário não é para dar definições exatas. Lógico que não! Por exemplo, o quadrado, o que será um quadrado, tem lado? Quantos lados? Pode ser grande ou pequeno? Verde ou vermelho? O quinto é tomar consciência de que tem um conhecimento: por exemplo, no quadro de matemática tem escrito quadrado. Ele não vai definir, mas, ele vai saber que ele já sabe o que é um quadrado. Isso é a posse desse vocabulário. Isso que mostra para ele uma coisa fantástica, ele sabe uma coisa! Essa ideia do saber é que a gente explora pouco. Ele tem que acima de tudo se convencer que ele está na escola para saber coisas. Isso que é a filosofia do negócio. Ele tem que tomar conhecimento que ele sabe coisas. Agora ele é importante porque ele tem um conhecimento. Uma coisa fantástica, ele tem o poder de saber e que o saber ninguém tira e o que sabe pode até dividir com alguém.

MT: Tem que tomar consciência de que ele sabe coisas.

VERA: Isso que é uma coisa linda e se a gente explorar bastante ele até vai gostar de estudar! Outro passo, o sexto, é pedir que o que o aluno diga o que mais gostou, é explorar o gosto do aluno. Cada um faz no papel aquilo que ele mais gostou.

MT: Aquilo que ele mais aprecia, ele tem que dar a opinião dele, não é?

VERA: Essa ideia de você gostar das coisas é uma coisa interessante, ele sabe uma coisa e ele gosta dessa coisa.

MT: Essa seria a etapa final?

VERA: Não, o sétimo passo é a fixação. A fixação, sem chateação.

MT: Esse modo que você organizou esses passos, você escreveu isso em algum lugar?

VERA: *Não, mas, a gente tem por escrito esse currículo da Educação Infantil. Mas, a gente tem isso por escrito na proposta de matemática.*

MT: E esse modo como você organizou esses passos, vem lá do seu curso de Educadores de Infância?

VERA: *Não. É assim, desde o começo quando eu criei o Jardim, dado ao meu estudo anterior e continuando lendo. Continuando, lendo e conversando com professores é que eu concluí [sobre isso].*

As tecnologias e a feira de artesanato: ainda há espaço para os jogos artesanais?

A criação e a manufatura de jogos os mais variados, alguns reinventados e outros realmente originais, parecem ser o motor da vitalidade do raciocínio e da perspicácia dessa incansável educadora de infância que mantém na feira de artesanato que acontece aos domingos, localizada no centro histórico da cidade de Curitiba, uma barraca para a venda de seus jogos artesanais, produtos de sua incansável vontade de oferecer às crianças, oportunidades de uma aprendizagem mais rica, complexa e - por que não? – mais agradável e desafiadora.

VERA: *É assim, eu faço uma porção de jogos de artesanato e eu vendo na feirinha de artesanato. Todas as pessoas me recomendaram ao contrário. Disseram que agora com essa tecnologia seus jogos vão ser aposentados, você não tem mais condições de vender coisas de madeira, coisas artesanais muito simples, não vai dar certo! Resultado final, agora que graças a Deus eu vendo na feirinha, eu faço propaganda dos jogos e vendo muito mais jogos.*

MT: Porque as pessoas têm interesse pelo jogo?

VERA: *É, as pessoas têm interesse pelo jogo. Por exemplo, com a mancala, um jogo africano, aconteceu uma coisa linda e muitas professoras compram material que eu produzo. O que é uma coisa bonita também! Por exemplo, uma professora disse sobre a mancala: Você faz uma mancala toda colorida e com pedras brilhantes, mas, você contou que os africanos faziam as covas na terra e que eram as sementes que eles colocavam nas covas para fazer o jogo? Toda essa apresentação é totalmente diferente do seu, porque o seu é colorido, brilhante e de madeira. E essa professora disse: Como você poderia fazer mais próximo? Aí eu faço duas mancalas, uma no cru com umas covas e sementes para eles contarem, e a outra que eu já fazia, sendo que uma professora comprou os dois tipos.*



Fonte: Acervo do NPPD/UFPR

Imagem 3. O jogo Mancala produzido por Vera nas duas versões: com sementes e com pedras

Tecendo considerações sobre a forma como o jogo é visto por autores, educadores e pedagogos de diferentes correntes de pensamento, Vera mostra um espaço específico da sala onde a entrevista acontece em que se veem muitas caixas e diversos tipos de materiais.

MT: E você sempre explorou muito a parte natural das coisas, sementes...

VERA: É, as sementes para contagem. Sim, como material de contagem, além da classificação, eu tenho caixas, e uso essas caixas que são coisas especiais para classificação. Isso daqui são restos que eles guardam para a gente fazer alguma coisa. O que é uma coisa boa! E também você apresentando esses classificadores, que são coisas especiais da nossa matemática, que desde de pequeninhos eles fazem. A gente dá todo o material e discute como a gente vai classificar para separar os materiais. A gente põe aqui para eles classificarem. Por exemplo, esses mosaicos, quando eu faço quadrados eu faço mosaicos com eles. Porque um dos passos da metodologia é a relação, e as crianças fazem isso também. A relação do conteúdo matemático, isso aí não é só para guardar com você. Você vai fazer coisas com isso.

MT: A utilidade disso que você está aprendendo?

VERA: Ele tem que ver onde isto que está aprendendo aparece. Por exemplo, a relação entre a cozinha e o quadrado.



Fonte: Acervo do NPPD/UFPR

Imagem 4. **No Recanto dos Mosaicos, Vera se mistura às obras produzidas a cada ano por alunos que completam o ensino fundamental em sua escola e que compõem, também, a memória de sua paixão pelos jogos, pela arte, pela geometria e pelo ensino**

Finalizando a conversa

Quando solicitada a referenciar autores que possam ter favorecido a elaboração da metodologia mencionou Piaget, e também Dienes e Montessori, afirmando que:

VERA: Piaget era o vencedor, por que a minha tia acreditava em Piaget. E uma das vezes que fui visitar o colégio perguntou: Você segue Piaget? E eu disse que não, que fazia uma mistura de todos. E ela disse: Isso é um terror, você está muito errada. Mas, respondi que essa é minha opinião e disse a ela: Você ama Piaget, mas, eu acredito que a mistura de todos tem ponto de vista diferentes do ensino. E daí deu certo, e eu acho que isso é importante para o ensino, sendo que Piaget é o papa.

MT: Aparentemente, você tem essa matriz.

VERA: Mas, é porque minha tia foi colega de Piaget. *Até na metodologia eu acho que Piaget mostrou mesmo isso, mas, não posso dizer a influência de qual recebi maior.*

A resposta a essa última pergunta corresponde ao esforço feito por Vera Miraglia, ao longo de mais de cinquenta anos de trabalho, de criar e adaptar jogos para ensinar os conteúdos escolares de uma forma estimulante e desafiadora. Para além do seu trabalho na Escola Anjo da Guarda (em Curitiba, Paraná, Brasil) que criou e onde atua até hoje como professora na aula de jogos e de geometria, sua busca por caminhos didáticos e metodológicos, no diálogo com os alunos e professores com os quais conviveu e convive ainda hoje, suas contribuições alimentaram também debates pedagógicos na cidade, no estado e no país. Muitos professores que trabalham atualmente em escolas públicas e privadas, na educação básica e na Universidade, carregam, entre suas experiências formativas, ideias geradas nos trabalhos e reflexões da educadora da infância que se dispôs a contar, para este número da RELADEI, uma pequena parte do seu valioso trabalho.

A ela, nossos agradecimentos.

Depoimento coletado pela Dra. Maria Tereza Carneiro Soares, professora de Matemática da Escola Anjo da Guarda no período de 1975 a 1994, atualmente professora da Universidade Federal do Paraná, por solicitação dos organizadores deste volume da RELADEI, Dr. Jesús Rodríguez Rodríguez (do Departamento de Didáctica e Organización Escolar da Universidade de Santiago de Compostela) e Dra. Tânia Braga Garcia (do Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas da Universidade Federal do Paraná).

Edição final do texto: Dra. Maria Tereza Carneiro Soares e Dra. Tânia Braga Garcia

Fotografias: Paulo Roberto Simões Turossi (Curitiba)

Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia

**Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná
Brasil**

Mail: tanbraga@pq.cnpq.br

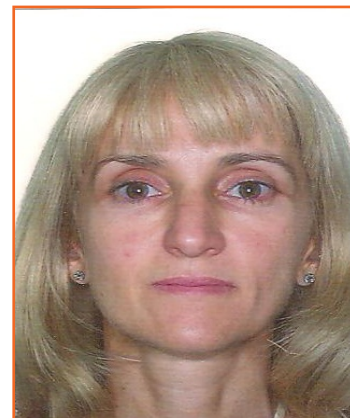


Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora de Didática do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná. Professora da Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Educação, onde orienta Mestrados e Doutorado. Bolsista Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas, onde desenvolve e orienta pesquisas sobre materiais didáticos, com destaque aos manuais escolares. Líder do grupo de pesquisa Didática, práticas escolares e publicações Didáticas (CNPq). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro da diretoria da International Association for Research on Textbooks and Educational Media (IARTEM).

Maria Tereza Carneiro Soares

**Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná
Brasil**

Mail: mariteufpr@gmail.com



Doutorado e mestrado em Educação, respectivamente pelas, Universidade de São Paulo/ Brasil e Universidade Federal do Paraná. Graduação em Matemática pela Universidade Católica do Paraná. Professora, pesquisadora e orientadora da Linha de Pesquisa Educação Matemática de 1996 a 2011 e da linha de Políticas Educacionais a partir de 2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação com interesse na avaliação e implementação de Políticas Públicas. Professora no Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico (vice-coordenadora) e nos Cursos de Pedagogia e Licenciaturas na área de Ciências Exatas do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Líder do Grupo de Pesquisa Educação Matemática cadastrado desde 1996 no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) do Brasil.